

# Bacca

Nº 26  
01/12/2004  
Instituto de  
Psicologia - USP



EDIÇÃO ESPECIAL MULHERES - TIRAGEM LIMITADA

26/40

## Meu nome é mulher

*Texto de autoria desconhecida  
enviado por Flávia (03)*

No princípio, eu era Eva  
Nascida para a felicidade de Adão  
E meu paraíso tornou-se trevas  
Pois ousei libertação

Mais tarde, fui Maria  
Meu pecado redimira  
Dando à luz aquele que traria  
salvação  
Mas isso, não bastaria  
Para eu encontrar perdão

Passei a ser Amélia  
A mulher de verdade  
Para a sociedade  
Não tinha a menor vaidade  
Mas sonhava com igualdade

Muito tempo depois, decidi:  
Não dá mais!  
Quero minha dignidade  
Tenho meus ideais!

Hoje, não sou só esposa ou filha  
Sou pai, mãe, arrimo de família  
Sou caminhoneira, taxista, piloto de avião  
Policial feminina, operária em construção.

Ao mundo, peço licença  
Para atuar onde quiser  
Meu sobrenome é competência  
Meu nome é mulher!



# Noite

Noite bela, noite azul  
noite triste, infinita  
chora estrelas aos milhares  
nuvens vêem com seus andares  
sutis  
imperceptíveis  
inocentes consolar a noite triste  
noite longa, amargurada  
olha longe, vê a estrada dos cometas  
os planetas... que felizes!  
dançam sempre sua dança  
de alegria com leveza, com destreza  
que beleza  
mas a noite... que tristeza  
olha a lua: que distante  
constelações  
convulsões  
sonhos, alucinações!  
a noite chora  
no recôndito  
espaço  
traz consigo em seu enlaço  
seu compasso  
fino traço  
que vontade de chorar!

noite bela, noite doce  
noite fria, noite amiga  
companheira dos soluços  
abandonos  
saudades  
amores não correspondidos  
ah! os amores esquecidos  
corações solitários  
amigos imaginários  
noite só  
apenas noite sozinha  
na solidão infinita  
no infinito da solidão  
apenas só  
sem exata posição entre  
um meteoro  
e a via-láctea  
via-dolorida, vida empedernida  
existência reprimida  
noite bela, noite negra  
noite-cáis, noite-porto-seguro  
para os desabafos da alma  
noite triste, porém serena  
pacífica, calma, tranqüila  
amiga dos desafortunados, dos

desconsolados  
dos pesarosos, desabrigados  
dos errantes, viajantes  
sonhadores, pensadores  
dos poetas  
noite densa, noite eterna  
noite escura, noite fria  
noite terna  
desgostosa, consternada  
magoada, infeliz  
lastimosa, deprimida  
sorumbática, melancolicamente  
ática  
perdida, inexata  
entre o tempo e o infinito  
anos-luz a prantear  
distante. Noite hoje, noite  
sempre  
noite cega, taciturna  
surda-muda  
errante, sem destino  
sem começo, direção  
sem meio, sem caminho  
sem fim

Priscilla P. Oliveira (04)

## Para aqueles que correm sem sair do lugar

Marina N.  
Alves (03)

Sempre tive o gosto de pensar por meio (e a partir) de imagens- por isso gosto tanto de fotografia. Às vezes um simples enquadre de uma cena ou o congelamento de um momento me dão inspiração suficiente para viajar por algum tempo. Muitas vezes essas imagens aparecem surpreendentemente, desafiando minha parábola que insistentemente busca por focos.

Ultimamente, estou sendo perseguida por uma figura intrigante- a esteira. Não, não é a esteira de praia que remete às ondas do mar, ao calor do sol, ao sabor do ócio. É aquele aparelho para atividade física que possibilita a queima das gordurinhas acumuladas nos flancos, a liberação de endorfina

e faz você andar quilômetros sem sair do lugar.

Em tempos em que se parece impossível parar para contemplar instantes, a esteira aparece para..... para o quê?!? A esteira É a metáfora do nosso tempo! Tempo esse acelerado, sem graça, cheio de utilidades... no qual a gente corre sem saber pra onde, vê sempre as mesmas paisagens e transpira sem sair do lugar.

Gosto muito de caminhar. Correr nunca me atraiu. Andar na esteira sempre me angustiou. Não sei se quero mais falar sobre isso, até porque não sei se tenho mais o que falar.

A imagem vem, persegue, fala por si (só). A esteira está aí, o tempo está correndo... Taí: a metáfora da esteira.

*Girls can wear jeans  
and cut their hair short.  
Wear shirts and boots  
'cause it's ok to be a boy.  
But for a boy to look like a  
girl is degrading  
'cause you think that  
being a girl is degrading.  
But secretly you'd love to  
know what it's like.  
Wouldn't you?  
What it feels like for a girl?*

Madonna



# Rita

Dani Valverde (00)



*Com açúcar, com afeto  
Fiz seu doce predileto  
Pra você parar em casa*

João e Rita se conheceram no carnaval de 61 – ela de baiana e ele sem fantasia. João era um operário e Rita... bem, Rita era mulata, sangue quente, respostas rápidas, lábios úmidos, olhos negros e brilhantes, voz doce de flauta e tinha um jeito mole de mexer os quadris quando andava, como se estivesse pronta para rodar e dançar ao ouvir qualquer lata velha batendo. Rita era muitas outras coisas, mas era mesmo conhecida como a mulher de João, e seu trabalho não era mais do que agradar seu coração.

João era chegado à cachaça, aos amigos do bar, ao futebol, a jogo, ao violão e, claro, à sua mulata. Era também de uma fluidez amorosa que qualquer saia a passar o arrastava inteiro pelas calçadas. Boca bem feita, olhar duro e pequeno, cheirava a cachaça e a alguma coisa entre doce e ácida. Amava Rita bem devagar, com um jeito de se enroscar todo pelos cabelos, pêlos, murmúrios e cheiros. Era mais ou menos assim que também provava seus apimentados quitutes: como um menino... um menino vadio.

João costumava chegar em casa de madrugada, sujo, bêbado e maltrapilho. Rita, que nunca sabia onde ele estava, sempre o

esperava voltar e, enquanto esperava, passava em pensamento todas as noites mal dormidas, as mágoas, as traições, os mal-tratos, enfim, as marcas que ele lhe deixara ao longo dos anos. Tinha na ponta da língua a frase que seria a facada no coração de João, ao mesmo tempo em que já sabia que no instante de vê-lo, por mais que se esforçasse, esquecia o texto ensaiado todas as noites. Ao encontrá-lo na porta, chorando e pedindo perdão, Rita o acolhia como um cão sem dono, o deitava em seu colo, o consolava e não se arrependia.

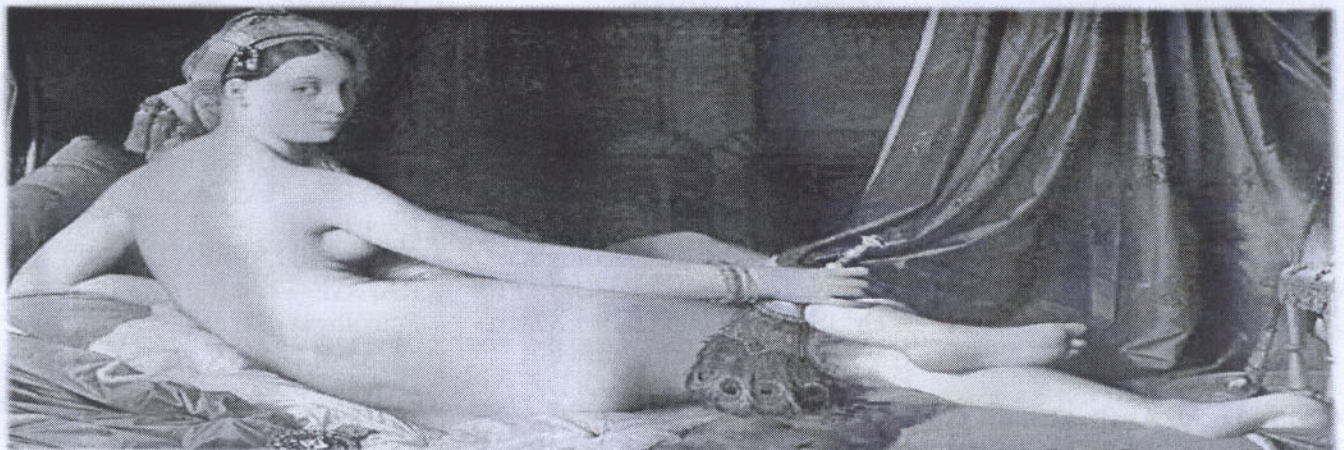
Um dia João não voltou. Rita se desesperou. Pensou no pior, correu de bar em bar, bateu à porta de todas as mulheres mal faladas da vizinhança e, já sem esperanças, passou na oficina, onde não o viam há dias. Horas mais tarde, a vizinha, de olhos esbugalhados, trouxe a notícia: João estava morto. Havia se metido em briga por conta de seu olho comprido nas pernas de uma dona que era amiga com o açougueiro.

O defunto na sala, com seu terno mais bonito, estava rodeado por seus companheiros que, já bêbados, choravam e lembravam das façanhas do amigo. Rita pensava em seu amor. Morrer... qual o quê! Agora ele havia realmente passado dos limites! Enfurecida, perdera sua

voluptuosidade e estava medonha, atirada numa cadeira num canto longe do finado João. Resolveu então, que estava cansada de suas diabruras.

Na manhã seguinte aconteceu o enterro. Feitas as despedidas e todo o chororô, Rita voltou para casa e, como de costume, sentou e esperou. Não havendo o que fazer, esquentou o prato de João para o cachorro, que estranhou a iguaria. Não tendo ainda do que se ocupar, agradou o bicho, tirando-lhe as pulgas e coçando suas orelhas. Recebeu uma dúzia de lambidas de agradecimento, mas como o bicho deu para seguí-la o tempo todo, por todos os cantos, sempre com aqueles olhos carentes e o rabo abanando, Rita resolveu chutá-lo porta afora. Ainda ouvindo o cão resmungando pelas frestas, não teve dúvidas: saiu com a vassoura em punho e o pôs para correr. No mesmo instante passava na rua um moreno, que lhe fez um aceno e seguiu com seu passo frouxo de sambista.

Rita ia todos os dias para a janela e lá se punha a esperar. De longe via o moreno virando a esquina. Sentia uma batucada em seu peito e a cabeça a rodar. Aos poucos, da janela passou à varanda e, da varanda, à porta. Um dia então, beijou o retrato de João, deu um suspiro, segurou a maçaneta e abriu seu coração para outro malandro. Mas essa é uma história que já conhecemos.



# Eleições da Atlética Busílis!

Lígia "Que nada" (01)

Pessoas! Nos dias 01 e 02 de Dezembro (quarta e quinta-feira próximas) estarão acontecendo as eleições para a nova chapa da Atlética. A votação acontecerá, como sempre, no corredor do bloco de aulas, na hora do almoço.

Como todos sabem, é preciso de quorum para legalizar a eleição, então, mesmo aquelas pessoas que não se interessam muito, procurem votar! A Atlética também é de vocês!

Agora, aqueles que sabem da importância dessa instituição para nossa faculdade, procurem conhecer as chapas e não deixem de votar de forma alguma, afinal, os Inters, Bifes (e patos nadando costas), treinos e happy hours dependem disso!

Então, não se esqueçam de passar no corredor enquanto a marmita esquentar, o lanche não fica pronto ou o Alex ainda não fez seu texto e votar nas eleições da Atlética!

*Colar de Carolina*

*Com seu colar de coral,  
Carolina  
corre por entre as colunas  
da colina.*

*O colar de Carolina  
colore o colo de cal,  
torna corada a menina.*

*E o sol, vendo aquela cor  
do colar de Carolina  
põe coroa de coral  
nas colunas da colina.*

*Cecília Meireles*



## DISSERTAÇÕES E TESES

*Colaboração de Islaine (Funcionária)  
Enviado por José Israel (01)*

**CANDIDATA: LIGIA  
MÁSAGÃO VITALI**

Programa de Pós-Graduação  
em PSICOLOGIA CLÍNICA

Título da Dissertação: FLOR-  
RABISCO: NARRATIVA  
PSICANALÍTICA SOBRE UMA  
EXPERIÊNCIA

SURPREENDENTE COMISSÃO  
JULGADORA – Membros

Efetivos: Prof<sup>a</sup>. Associada TÂNIA  
MARIA JOSÉ AIELLO

VAISBERG – Orientadora—  
Psicologia Clínica— IPUSP;

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> MARIA ALICE

ORNELLAS PEREIRA – UNESP  
– Botucatu; Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> MARIA

CHRISTINA LOUSADA

MACHADO— Psicologia  
Clínica— IPUSP;

**COMUNICADO: Data**

**Defesa Pública: 03.12.04, às  
09:30h - Local: Anfiteatro do  
IPUSP**

**CANDIDATA: MAIRA  
BONAFE SEI**

Programa de Pós-Graduação  
em PSICOLOGIA CLÍNICA

Título da Dissertação:  
DESENVOLVIMENTO  
EMOCIONAL E OS MAUS-  
TRATOS >> INFANTIS: UMA  
PERSPECTIVA

WINNICOTTIANA

COMISSÃO JULGADORA –  
Membros Efetivos: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>

IVONISE FERNANDES DA  
MOTTA - Orientadora

– Psicologia Clínica – IPUSP;

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> REGINA HELENA  
LIMA CALDANA—

Departamento de Psicologia e  
Educação – FFCLRP – USP; Prof<sup>a</sup>

Dr<sup>a</sup> ISABEL CRISTINA GOMES  
– Psicologia Clínica – IPUSP.

**COMUNICADO: Data**

**Defesa Pública: 08.12.04 às  
10:30h - Local: Sala 14 do IPUSP.**

**CANDIDATA: CARMEN  
LUCIA SOUZA**

Programa de Pós-Graduação  
em PSICOLOGIA CLÍNICA

Título da Tese: "GRUPOS  
INFORMATIVOS SOBRE  
MENOPAUSA: INFORMAÇÃO,  
SUPORTE COGNITIVO-  
COMPORTAMENTAL E  
PREVENÇÃO"

COMISSÃO JULGADORA"—

Membros Efetivos: Prof<sup>a</sup> Titular  
EDWIGES FERREIRA DE

MATTOS SILVARES -

Orientadora - Psicologia

Clínica— IPUSP; Prof<sup>a</sup> Titular  
VERA LUCIA ADAMI RAPOSO

DO AMARAL — Instituto de  
Psicologia— PUC— Campinas;

Prof. Associado JOSE MENDES  
ALDRIGHI — Departamento de

Saúde Materno Infantil – FSP—  
USP; Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> SONIA BEATRIZ

MEYER – Psicologia  
Experimental— IPUSP; Prof. Dr.

BERNARD PIMENTEL

RANGE— Instituto de  
Psicologia— UFRJ.

**COMUNICADO: Data**

**Defesa Pública: 03.12.04 às  
10:00h - Local: Auditório da  
Biblioteca do IPUSP.**



# “Mera coincidência”

Isabel Dias (02)

*“A cultura geral dispensada pela escola deve ser uma educação para a liberdade e não para a submissão: a verdadeira vida é sermos livres”*  
(Max Stirner, em *O Falso Princípio da Nossa Educação*)

## Nas fileiras do saber\*

Marquinhos costumava sentar na última carteira, fileira da direita, ao lado da janela. Preferia ficar distante dos professores e, de certa forma, dos colegas de classe. Na maioria dos dias não trazia muitas idéias, nem sentia vontade de papear. Naquela segunda-feira, estava sentado no mesmo lugar

quando o professor Carlos Henrique adentrou à sala: “Abram seus cadernos e escrevam o seguinte...”.

O professor de química tinha um ar bastante autoritário. Falava quase gritando e sempre ameaçando a classe com provas e pontos negativos. Eram sete e quinze da manhã, Marquinhos ainda não se recuperara da noite mal dormida, e o sono embaçava seus olhos.

Bocejava com cuidado para não ouvir represálias do mestre: os “mestres” não gostam de parecer desinteressantes, mesmo quando ministram aulas sem nenhuma didática, como no caso de Carlos Henrique. Um vento que vinha da rua e atravessava o pátio chegava aos cabelos de

Marquinhos qual um afago. A voz do professor já não encontrava os seus

ouvidos. Foi caindo, caindo e plaft: dormiu com a cara no livro. Logo o

mestre percebeu, caminhou em direção ao jovem e rosnou: “Ô cumpadi, cê pensa

que aqui é albergue?!”. Então castigou-lhe da seguinte maneira: “Vai pra

lousa explicar toda a matéria de hoje! Se não fizer direito leva zero!”. Marquinhos, cambaleante e assustado, obedeceu.

Enquanto o aluno explicava cuidadosamente a matéria para seus colegas,

Carlos Henrique (ou “CH - O Chacal”, apelido adquirido por seu prestativo

desempenho no colégio) o encarava lá detrás. Todavia, Marquinhos ia bem. Era o tipo de aluno autodidata, que estudava em casa ouvindo Satriani e Queen.

Passaram dez minutos, e ele firme lá na frente, não obstante à pressão. Lia

trechos grifados do seu livro e decodificava algumas fórmulas para a classe.

Naquele instante Carlos Henrique também começou a sentir a brisa que vinha

da rua, passava pelo pátio, e assoviava em seus ouvidos.

Piscava, bocejava,

piscava, cruzava os braços, até apagar com a cabeça apoiada na parede.

Marquinhos ignorou o cochilo do mestre e seguiu com a

matéria: “Bom, galera,

os radioisótopos podem ser comparados a pequenas emissoras de rádio, que enviam sinais que podem ser rastreados por certos dispositivos...”.

A aula era quase perfeita: “O equilíbrio químico é mantido permanentemente

pela igualdade das velocidades de reações químicas opostas. No entanto, o equilíbrio só existe em um sistema fechado...”.

Faltavam cinco minutos para tocar o sinal, e Carlos Henrique continuava a dormir. Dali a pouco, Jorge o da carteira ao lado - deu um cutuco no braço do mestre: “Professor, tocou o sinal”, e o mestre, ainda meio

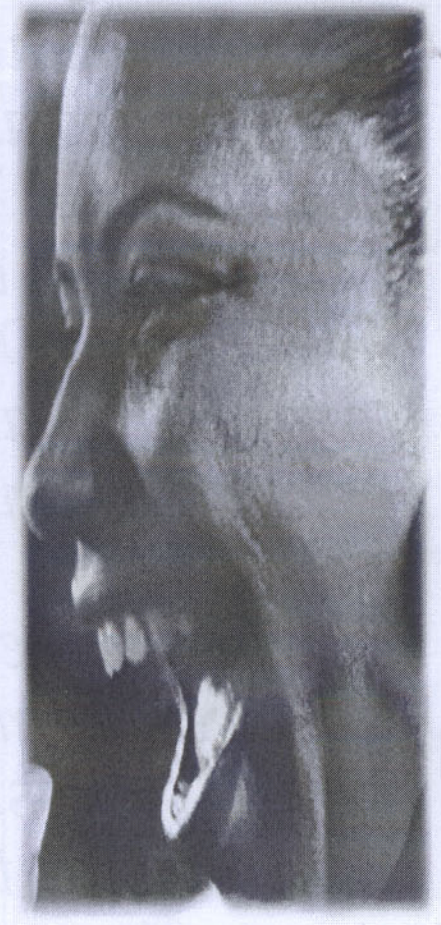
apagado, conseguiu formular uma pequena, mas nada convincente justificativa: “É que eu tava aqui pensando”. Saiu correndo da classe, sem nem se despedir da turma. Esqueceu até o apagador,

que mandaria Gustavo - do 1º B - vir buscar.

Segunda aula. Entrou o professor de História.

Marquinhos, mais cansado depois de falar sobre reações químicas durante vinte minutos, aguardava novamente em seu lugar. O vento na janela estava mais forte. Os pássaros cantavam. As meninas da oitava série faziam Educação Física na quadra. E a música “Crazy little thing called love” não saía da cabeça...

\* conto de JM (“o sono da razão”) novembro/04



# AS MULHERES, POR ELAS MESMAS

*Para mostrar um pedacinho do que é ser mulher, a cada uma dessas mulheres que estão com a gente aqui no IPUSP, fizemos as entrevistas abaixo. Tanto nessas entrevistas quanto neste BOCA especial, convidamos as mulheres a meterem a BOCA no BOCA! Obrigada às entrevistadas e esperamos que todos gostem de ler as entrevistas tanto quanto gostamos de fazê-las!*

Patrícia Rabaça (03)  
e Tânia Lisboa (03)



**Entrevistada:**

Ana Carolina Martins de Souza Felipe (aluna - 03)  
Idade Ipuspiana: 2 anos

– Como você explicaria o fato do curso de psicologia possuir mais mulheres do que homens?

*É difícil formular uma idéia sobre isso, pois acho que envolve muitas coisas...num primeiro momento, acho que o que consigo pensar é que a psicologia é vista como uma profissão que envolve sensibilidade e acho que essa característica não é bem vista, infelizmente, quando quem a possui é o homem. Creio, também, que existem outras profissões que são mais aceitas para o público masculino, como a engenharia, a medicina, por exemplo, por serem profissões mais tradicionais e encaradas socialmente como mais estáveis (talvez porque muitos ainda pensem que o homem deve ser "o provedor do lar" e não reconheçam a psicologia como uma fonte de renda garantida, sei lá). Eu não sei ao certo o porquê dessa predominância feminina, eu só sei que, se há o preconceito, que bom que os nossos meninos o venceram e estão aqui, para tornar o nosso dia-a-dia muito mais...ou melhor, muito menos "tão só feminino"!*

**Entrevistada:** Vilma Zilda da Silva (limpeza)

Idade Ipuspiana: 10 anos  
– Teve algum momento que você adorou ser mulher?

*Não teve. Tem horas que eu penso que queria ser homem. Ter a minha vida livre.*

**Entrevistada:** Maria Priscila da Silva (vendedora de salgados e biscoitos)

**Idade Ipuspiana:** 4 meses  
– Como você se sente sendo uma das únicas mulheres negras que circulam pelo IPUSP?

– *Eu sou diferente deles pela cor. Só isso, não sinto nada diferente.*

**Entrevistada:** Vera Paiva (professora)

**Idade Ipuspiana:** 30 anos (com intervalo de uns anos entre a graduação e o mestrado na FSP e quando esteve nos EUA entre o mestrado e o doutorado)

– Hoje, diante de uma turma de alunos da psicologia, você consegue identificar algum aspecto das jovens da sua turma – quando aluna do IPUSP?

– *Há alguns anos tenho percebido várias semelhanças desta geração com a minha, na maneira de se vestir, numa certa rebeldia organizada e bastante democrática, na valorização da música popular brasileira, no interesse generoso com o social e Brasil bem pouco dogmático, num certo tom mais minimalista e menos consumista...tenho muita esperança nas jovens de hoje, acredito que veremos boas produções desta geração para inovar o campo de atuação do psicólogo e tornar o país e o mundo que a gente vive mais justo.*

**Entrevistada:** Benedita Vieira Filha (limpeza)

**Idade Ipuspiana:** 10 meses  
– Como você se sente sendo uma das únicas mulheres negras que circulam pelo IPUSP?

– *Bem. Se alguém tem alguma discriminação é pelas costas e me sinto bem feliz com a minha pele negra. Mas também a gente não pode falar muito pois pode ser prejudicada.*

**Entrevistada:** Maria José Carvalho Silva (COOPEREMO, vende salgados e biscoitos/bloco 28)

**Idade Ipuspiana:** 5 anos  
– Você acha que é mais difícil para você estudar aqui na USP?

– *Eu já estudo aqui. Lá na FEA, no ALFA (curso de alfabetização de adultos). Antes eu achava que era mais difícil, mas agora que eu estou estudando tudo está mais fácil.*

**Entrevistada:** Valneri de Moraes (Xerox da Biblioteca e do Centro Acadêmico)

**Idade Ipuspiana:** 9 anos  
– A gestação mudou o seu ser mulher? Em que?  
– *Não mudou, me completou. Ser mãe completa a gente como mulher. E na vida íntima não muda nada, o relacionamento é a mesma coisa.*

**Entrevistada:** Maria Betânia da Costa Grangeiro (Xerox do Bloco B)

**Idade Ipuspiana:** 15 anos  
– Quais aspectos você considera relevantes no desenrolar da expressão feminina nestes anos que você está no IPUSP?  
– *Nunca percebi no IPUSP algum fato que me fizesse ter uma opinião sobre esse assunto.*

**Entrevistada:** Marinete Oliveira Lisboa Bastos (Fiscalização)

**Idade Ipuspiana:** 4 anos  
– A T.P.M. interfere na sua vida?  
– *Sim. Os sintomas muitas vezes variam de cólica e ânsia de vômito até mal humor, choro constante e falta de paciência para responder simples perguntas. Não é fácil enfrentar um dia de trabalho com alguns desses sintomas, mas procuro ser adaptável na medida do possível às diferentes mudanças do meu organismo.*

**Entrevistada:** Nilza Ventura da Silva (biblioteca)  
**Idade Ipuspiana:** 16 anos  
– Teve algum momento que você adorou ser mulher?

– *Eu nunca quis ser homem, sempre gostei de ser mulher. Mas um momento em especial eu não me lembro agora.*

**Entrevistada:** Renata Priscila Catalan

**Idade Ipuspiana:** 5 anos (Balconista da lanchonete)  
– Teve algum momento que você detestou ser mulher?

– *Só detestei em um dia da minha vida. Foi um dia em que eu estava com cólica. Depois disso nunca mais tive, ainda bem.*

**Entrevistada:** Letícia Carvalho (aluna - 01)

**Idade Ipuspiana:** 4 anos  
– Em algum momento você sentiu inveja por não ter pênis?  
– *Nossa, que pergunta legal, é meio Gaiarsa. Na verdade eu nunca tinha parado para pensar nisso, mas o que eu pensei agora foi: Que bom seria se eu não menstruasse e se eu não precisasse me preocupar em engravidar. E eu lembrei agora de uma situação no Fórum Social Mundial do ano passado em que todos os banheiros estavam insuportáveis e não dava para entrar de forma alguma, além disso eles ficavam a Kms de distância. Batia um desespero e a gente até pensou em ter um pinico na barraca. Na sequência pensamos nos problemas que seria ter um pinico lá, e nessas horas eu até pensava em ter um pênis.*



# MULHER NEGRA: Com licença, eu vou à luta

Mafoane Odara (98)

*Andando pelos corredores do Instituto de Psicologia, me chamou muito a atenção os chamados às mulheres para escreverem no BOCA.*

*A princípio fiquei muito feliz de ver a possibilidade de discutir as relações de poder entre mulheres e homens, mas depois, olhando mais atentamente, percebi que a Psicologia reproduz, como microcosmo, as desigualdades e os processos de exclusão vividos pelas mulheres e, principalmente, MULHERES NEGRAS.*

*NENHUM DOS SEIS CARTAZES ESPALHADOS PELO INSTITUTO convidavam mulheres negras, que já são poucas, a fazer parte dessa discussão. Até as afegãs estavam lá!!! É engraçado isso, se pensarmos que as mulheres negras representam metade da população feminina brasileira, e a maioria da população economicamente.*

*O lema, o motor para incansáveis investidas, ousadas e movimentações das mulheres negras poderia ser: "Água mole, pedra dura, tanto bate até que fura". A frase em epígrafe faz um atento chamado ao processo vivido por esse grupo.*

*É necessário rever alguns de nossos conceitos feministas: mulher, experiência e política pessoal para poder entender as relações raciais no movimentos sociais.*

*Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte do contingente de mulheres que nunca reconheceu este mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte do contingente de mulheres que trabalham durante*

*séculos como escravas de lavoura ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas ... mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas!! (Carneiro, 2003) \**

*Quando falamos em garantir as mesmas oportunidades para homens e mulheres no mercado de trabalho, estamos garantindo emprego para que tipo de mulher? Fazemos parte de um contingente de mulheres para as quais os anúncios de emprego destacam a frase: "Exige-se boa aparência". Somos as antimusas da sociedade brasileira porque o modelo estético de mulher é a mulher branca. A não ser no Carnaval que, contrariando a música de Caetano, preto é preto, branco é branco, a "mulata" (outro termo preconceituoso) É A TAL!!*

*Quantos de nós já observaram as mulheres do nosso cotidiano institucional? Quem está por trás de todo o Quantos de nós olhamos nos olhos dessas mulheres ou paramos nosso precioso tempo para ouvir suas reivindicações?*

*Lutamos não pelo direito de existência, mas pelo direito de individualidade. Está na hora de desnaturalizar uma discussão que tem se apresentado como universal para o grupo de mulheres!! Mulheres negras e indígenas são vistas, tratadas e estudadas de formas muito diferentes das mulheres não-negras e não-indígenas.*

*Portanto eu chamo todos para a discussão!! E mulheres negras, com licença, vamos à luta!*

*\* Racismos contemporâneos. Vários autores. São Paulo: Takano, 2003.*

OBSERVAÇÃO!!!

A DISCUSSÃO SOBRE "A CONSCIÊNCIA NEGRA NA PSICOLOGIA", PREVISTA PARA A QUARTA-FEIRA, DIA 01.12.04 FOI ADIADA PARA O DIA 08.12.04, TAMBÉM QUARTA-FEIRA, NA SALA AURORA, A PARTIR DAS 11H., EM VIRTUDE DE COMPROMISSOS INADIÁVEIS DAS PALESTRANTES [PROFª DRª. MARIA HELENA SOUZA PATTO, DRª MARIA APARECIDA SILVA BENTO (PSICÓLOGA) E PROFª DRª VERA PAIVA].

**CONHEÇA AS FONTES DE INFORMAÇÃO DA BIBLIOTECA E COLECIONE SEU MARCADOR DE LIVROS!!**

Célia (Bibliotecária do IPUSP)

Otimizando o uso das importantes fontes de informação em várias bases de dados, a Biblioteca confeccionou uma série de marcadores e está entregando aos usuários.

A preservação do acervo e outros assuntos, também, estão em pauta nos marcadores.

Prestígio!

Vá buscar o seu, utilize os serviços, e descubra um mundo de informação!



# Prático

Lia (04)

O que eu quero é gritar !  
Gritar de tudo  
Te xingar das coisas mais feias  
e sem sentido  
Das coisas mais espontâneas  
impulsivas.  
Das menos planejadas e  
poéticas  
Chorar como de raiva e prazer  
Como de tristeza e facada  
presa  
No meio do peito entre as  
costelas  
Vender todos teus carinhos  
meus  
Pegar tudo de volta  
Tudo que ta jogado nos meus  
pés  
Nem metade dos pensamentos  
meus você mereceu  
E agora estão jogados na  
minha cara.  
Meu teórico?  
Então me diz o que eu faço?

## LEMBRANÇAS DA IARA

### Apresentação

Essa quinta, no CA, às 12h. acontecerá a apresentação da gestão **OUTRAS PALAVRAS**. Apareçam!

### Sessão de Cinema

O CAII e a professora Vera Paiva convidam você para assistir e debater ao filme *O Closet*. Segue abaixo a sinopse escrita pelo Douglas, aluno do 2º ano do curso de Ciências Contábeis da FEA-USP, que está cursando a disciplina Psicologia Social II aqui conosco.

### O que você é para os outros?

Douglas Tavares

O filme *O Closet* ao qual assistiremos pela disciplina de Psicologia Social II (Profª. Vera Paiva) trata de maneira irreverente de uma questão presente no nosso dia-a-dia: o estigma. A história narra a

“vidinha” comum de um contador que quase não é percebido no trabalho, nas ruas e até mesmo na sua família. Com o intuito de não perder o emprego e com a ajuda de um vizinho, ele vai se passar por homossexual. Agora as coisas vão mudar e muito: ele vai ser visto como O homossexual pelos outros. Ele finalmente será notado. É muito interessante nos atentarmos ao fato de que tanto este quanto outros estigmas estão desapercibidos na nossa realidade e como é no mínimo ingênua a redução de tudo que uma pessoa é em apenas uma de suas características. Por isso convidamos a todos para assistirem ao filme nesta quarta-feira (01/12) às 12h. aqui no IP (SALA 20 – Sala Aurora). Logo em seguida faremos uma discussão sobre *O Closet* e todos estão convidados também.

Créditos dos cartazes de divulgação do BOCA temático:

### Zine:

- Água volume 4 (Carol)

### Livros:

- Bad girls Do it (Michael Newton)
- We wil meet again (Vera Lynn)
- Feminism for Beginners (Susan Alice Watkins, Marisa Rueda, Marta Rodriguez)
- As Prostitutas na História (Nickie Roberts)
- Eye to Eye – Women (Vanessa Baird)

# EU TU ELAS

bicho  
surto  
verbo  
verborragia tragicômica  
imprecisa e inquieta

cara  
tapa  
tara  
mulheirice incorrigível  
e deliciosa  
de viver

sangue pulsante  
vermelho  
febril

vida e morte aconchegadas  
num êxtase

silêncio  
dúvida  
certeza dúbia e despreocupada  
de quem se dá todo  
Todo!  
o direito de errar

e também  
o de jamais se perdoar  
por ter errado

Claudia De Simone (02)

## Resgate

*Sou negra ponto final  
devolvo-me a identidade  
rasgo a minha certidão  
sou negra*

*sem reticências*

*sem vírgulas sem ausências*

*sou negra balacobaco*

*sou negra noite cansada*

*sou negra*

*ponto final*



*Alzira Rufino*

# ALIANÇA DE PARENTESCO

Mafoane Odara Poli Santos (98)

*Nós mulheres índias e negras  
reunidas na 1ª Conferência  
Nacional de Políticas para as  
Mulheres, realizada de 15 a 17 de  
julho de 2004 em Brasília*

*– DF, selamos uma aliança de  
parentesco:*

*- considerando a semelhança da  
opressão colonial sofrida pelos povos  
índias e afrodescendentes, em  
especial as mulheres;*

*- considerando que esses dois  
povos foram igualmente submetidos  
a processos de genocídio e/ou  
extermínio;*

*- considerando o estupro colonial  
perpetrado contra índias e negras;*

*- considerando a expolição e  
expropriação das terras, das  
culturas, dos saberes desses dois  
povos;*

*- considerando a perpetuação da  
exclusão histórica desses povos  
desde o término do período colonial  
até os nossos dias, que vitima  
especialmente as mulheres,  
distorcendo e desvalorizando suas  
imagens;*

*- considerando a necessidade da  
reparação histórica que o Estado  
brasileiro tem para com esses povos  
em geral e as mulheres em  
particular;*

*Dedidmos:*

*- Firmar o nosso parentesco  
através de uma aliança política na  
busca conjunta de superação das  
desigualdades econômicas, políticas,  
sociais, culturais e de poder;*

*- Firmar uma aliança estratégica  
para a conquista da igualdade de  
oportunidades para mulheres índias  
e negras na sociedade brasileira;*

*- Firmar uma aliança estratégica  
que dê visibilidade a índias e negras  
como sujeitos de direito.*

*Doravante índias e negras  
consideram-se parentes.*

*Conselho Nacional das Mulheres  
Índias*

*Comitê Inter-Tribal de Mulheres  
Índias/NE*

*Departamento de Mulheres  
Índias da Coordenação das*

*Organizações Indígenas da  
Amazônia Brasileira – DEMIAB  
Grupo de Mulheres Indígenas do  
Acre*

*Organização de Mulheres  
Índias de Roraima*

*Associação de Mulheres Indígenas  
do Centro-Oeste Paulista*

*Associação de Mulheres Indígenas  
Terena – Mato Grosso do Sul*

*Encontro das Mulheres Indígenas  
da Região Sul Brasil*

*Articulação de ONGs de  
Mulheres Negras Brasileiras*

*Fórum Nacional de Mulheres  
Negras*

*Fóruns Estaduais de Mulheres  
Negras: São Paulo, Rio de Janeiro,*

*Minas Gerais, Brasília, Mato  
Grosso do Sul, Maranhão, Bahia,*

*Ceará, Piauí, Sergipe, Paraíba,*

*Goiás, Santa Catarina, Paraná, Rio  
Grande do Sul, Alagoas, Amapá e*

*Tocantins*

*Coordenação Nacional das  
Comunidades Quilombolas*

*Comissão Estadual de Articulação  
das Comunidades Quilombolas de  
Pernambuco*

*Grupo de União e Consciência Negra*

*Aderem ao documento:*

*Liga Brasileira de Lésbicas*

*Fórum Goiano de Mulheres*

*Fórum de Mulheres da Amazônia*

*Articulação de Mulheres do Acre*

*Mama – Movimento Articulado  
de Mulheres da Amazônia*

*Fórum de Mulheres do Rio  
Grande do Norte*

*Movimento e Articulação de  
Mulheres do Estado do Pará*

*Marcha Mundial das Mulheres*

*Rede Economia e Feminismo*

*Sindicato dos Trabalhadores do  
Ensino Público do Mato Grosso*

*Central Única dos Trabalhadores  
do Mato Grosso*

*Fórum de Articulação de  
Mulheres de Mato Grosso*

*Conselho Estadual dos Direitos da  
Mulher de Mato Grosso*

*Núcleo de Estudo Pesquisa e  
Organização da Mulher –  
NUEPON/UFMT*

# Em briga de marido e mulher, já se mete a colher

Fernanda  
Buckeridge (01)

Quando descobri que seria feito um BOCA escrito exclusivamente por mulheres, pensei que esta seria uma oportunidade importante para trazer uma discussão que pouco se faz, principalmente dentro das disciplinas obrigatórias do IP: As relações de gênero, e com isso, a violência que daí pode decorrer.

Constitui violência contra a Mulher "qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública ou privada". Esta violência acontece em todas as idades, classes sociais, etnias, religiões ou orientações sexuais. No entanto, tem maior ocorrência no espaço doméstico, tendo como agressor pessoa do convívio afetivo, tais como marido, pai, irmão, padrasto, companheiro, etc. Esta então passa a ser chamada de violência doméstica, por ser praticada dentro da casa.

Por muito tempo, a violência contra a mulher foi tomada como natural, como um assunto privado ou de menor importância, que dizia respeito apenas aos envolvidos e deviam ser "resolvidos" apenas entre eles. Existia um consenso de que, do mesmo modo que um pai (até hoje) pode bater em um filho para ensinar-lhe como se comportar, um marido poderia fazer o mesmo com sua esposa. Na prática, muitos homens ainda acham que é um direito seu agredir sua esposa ou sua filha, sempre que acharem necessário corrigir algum comportamento, ou mesmo que apenas assim desejarem, como se elas não fossem responsáveis por si mesmas. É como se seus corpos não lhes pertencessem, assim como suas vidas, e isso se mostra através de violência física, sexual, e psicológica (como xingamentos, ameaças, humilhações), abandono material ou privação de liberdade.

Atualmente, foram criados diversos serviços que buscam enfrentar esse tipo de violência, garantir minimamente sua prevenção, dar assistência psico-social e jurídica para as mulheres, visando fortalecê-las, recuperar sua auto-estima, fornecer condições concretas para sua autonomia e ampliar o exercício de sua cidadania, além de criar políticas que ampliem a coibição da violência de gênero. Poucas mulheres sabem que podem contar com estes artifícios, pois há pouca troca

de informação sobre o assunto, devido ao constrangimento que este causa. Muitas sentem vergonha, se sentem culpadas, ou não sabem que este quadro caracteriza um crime, e sendo assim, acabam não denunciando. Mesmo com o surgimento das Delegacias Especiais da Mulher, muitas são mal recebidas, desencorajadas a registrar um boletim de ocorrência, ou mesmo tem seu caso registrado de maneira errônea, e tudo isso já na própria delegacia. Além do fato de que a intimação para que o homem compareça na delegacia deve ser entregue pela própria mulher. Considerando que o agressor vive na mesma casa que a vítima, a mulher fica sujeita a sofrer um espancamento ainda maior. Muitas são também encorajadas a desistirem da denúncia pelos próprios entes familiares, pois estes lhes dizem que "o importante é a família", ou então que "o que é uma mulher sem marido?". Muitas permanecem presas em uma relação violenta até a morte.

Outro dado que dificulta a saída destas mulheres desta situação é o fato de a justiça, até hoje, não proteger a mulher, mas sim o agressor. Muitas leis não foram atualizadas, e com o surgimento da lei 9.099/95, os poucos casos que conseguem ser levados adiante pela mulher acabam sendo finalizados sem a punição esperada. A lei 9.099/95 surgiu para atender os crimes de menor potencial ofensivo e agilizar os processos e absurdamente, apresentou entre seu rol de "crimes de menor potencial ofensivo" a violência contra a mulher, o que acabou por banalizar as agressões, e nos casos em que há alguma punição, esta não dá conta do crime, podendo até torná-lo mais frequente. Por exemplo, muitos homens recebem como punição, pagar uma cesta básica para a mulher, o que o incentiva a pensar que ele poderá agredi-la quando e quanto quiser, pois nada de grave acontecerá a ele. Muitas vezes a saída encontrada são as casas abrigo, lugares sigilosos, onde estas mulheres são literalmente escondidas como fugitivas, como se quem tivesse cometido o crime fossem elas.

É preciso lembrar também que, hoje em dia, a violência continua com pouca visibilidade, pois acaba sendo

"mascarada". Com as mudanças e conquistas alcançadas pelas mulheres, gerou-se no Brasil o mito da liberdade sexual (assim como a de democracia racial, a da harmonia entre dominantes e dominados, etc), fazendo parecer que este tipo de visão sobre a mulher como "submissa ao homem" está ultrapassada. No entanto, todos nós sabemos, que mesmo ocupando um mesmo cargo, uma mulher recebe um salário menor que um homem, que ao conquistar o direito de trabalhar teve que assumir uma jornada dupla de trabalho (casa e emprego), etc. É preciso que nós profissionais estejamos atentos a isso, e que evitemos acreditar neste tipo de mito. Muito foi mudado, mas muito ainda está por mudar. Para isso, é preciso que as mulheres não se calem mais diante da violência que sofrem, e que homens e mulheres, profissionais da saúde ou não, ou seja, a sociedade em geral, pare de fechar os olhos com cumplicidade para este fenômeno.

## Você sabia que:

- Segundo a pesquisa de Wania Pasinato Tzumino, das decisões judiciais de 12.661 Termos Circunstanciados, sendo 9.275 envolvendo relacionamento conjugal e namoro: 31,1% foram arquivados, em 44,4% houve extinção de punibilidade por ausência de representação da vítima, 11,8% resultou em transação penal e 3% em conciliação das partes?

- Cerca de uma em cada cinco brasileiras (19%) declaram ter sofrido algum tipo de violência por parte de um homem; 16% relatam casos de violência física; 2% relatam violência psicológica; 1% citam assédio sexual; 11% (ou seja, aproximadamente 6,8 milhões de mulheres) já foram espancadas ao menos uma vez (segundo pesquisa feita em outubro de 2001, pela Fundação Perseu Abramo)?

- Mais da metade das mulheres que sofrem violência não pede ajuda?

- A delegacia da mulher atinge apenas 5% dos casos de espancamento (os outros são registrados em delegacias comuns)?

- Existe um movimento realizado pelos homens pela não-violência contra a mulher, chamado Laço Branco?

Célia

# Canção das Mulheres

Lya Luft - Enviado por Karina (04)

Que o outro saiba quando estou com medo, e me tome nos braços sem fazer perguntas demais.

Que o outro note quando preciso de silêncio e não vá embora batendo a porta, mas entenda que não o amarei menos porque estou quieta.

Que o outro aceite que me preocupo com ele e não se irrite com minha solicitude, e se ela for excessiva saiba me dizer isso com delicadeza ou bom humor.

Que o outro perceba minha fragilidade e não ria de mim, nem se aproveite disso.

Que se eu faço uma bobagem o outro goste um pouco mais de mim, porque também preciso poder fazer tolices tantas vezes.

Que se estou apenas cansada o outro não pense logo que estou nervosa, ou doente, ou agressiva, nem diga que reclamo demais.

Que o outro sinta quanto me dói a idéia da perda, e ouse ficar comigo um pouco – em lugar de voltar logo à sua vida, não porque lá está a sua verdade mas talvez seu medo ou sua culpa.

Que se começo a chorar sem motivo depois de um dia daqueles, o outro não desconfie logo que é culpa dele, ou que não o amo mais.

Que se estou numa fase ruim o outro seja meu cúmplice, mas sem fazer alarde nem dizendo – “Olha que estou tendo muita paciência com você!”.

Que se meu entusiasmo por alguma coisa o outro não a diminua, nem me chame de ingênua, nem queira fechar essa porta necessária que se abre para mim, por mais tola que lhe pareça.

Que quando sem querer eu digo uma coisa bem inadequada diante de mais pessoas, o outro não me exponha nem me ridicularize.

Que quando levanto de madrugada e ando pela casa, o outro não venha logo atrás de mim reclamando: “Mas que chateação essa sua mania, volta para cama”.

Que se eu peço um segundo drinque no restaurante o outro não comente logo: “Pôxa, mais um?”.

Que se eu eventualmente perco a paciência, perco a graça e perco a compostura, o outro ainda assim me ache linda e me admire.

Que o outro – filho, amigo, amante, marido – não me considere sempre disponível, sempre necessariamente compreensiva, mas aceite quando não estou podendo ser nada disso.

Que, finalmente, o outro entenda que mesmo se às vezes me esforço, não sou, nem devo ser, a mulher-maravilha, mas apenas uma pessoa: vulnerável e forte, incapaz e gloriosa, assustada e audaciosa – uma mulher.

## Boca



Boletim  
do Centro  
Acadêmico  
Iara Iavelberg

**Comissão Organizadora:** Danilo Silva Guimarães (01), Fernanda Silva Gonçalves (03), Guilherme Gibran Pogibin (98), Jonas Boni (02), José Israel Guedes Rodrigues (01), Patrícia Ferreira Rabaça (03) e Tânia Lisboa Machado (03)

**Diagramação:** Paulo Szyszko Pita (03)

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no [boca@yahoogrupos.com.br](mailto:boca@yahoogrupos.com.br) até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite



máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às 12h30min, à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. PARTICIPE!!!

Pintura da capa: "La baigneuse de Valpinçon", de Jean-Auguste-Dominique Ingres (1808), Museu do Louvre